



A origem da profissão docente – Parte 1

AULA

17

objetivos

Para esta caminhada, você deverá ser capaz de:

- Compreender a importância da profissão docente, como atividade de relevância social.
- Analisar o surgimento histórico da profissão, refletindo sobre a peculiaridade do docente, quando se torna um profissional especializado no ensino.
- Refletir sobre algumas das características que levaram à deturpação e à desvalorização da profissão docente.
- Analisar as características das atividades docentes, no seu surgimento no Oriente.

Pré-requisito

Caro companheiro de viagem, para o melhor entendimento desta aula você deve rever a Aula 16.



INTRODUÇÃO

Há alguns anos, tenho me colocado o mesmo conjunto de questões: Como é que se é professor? Por que tornar-se professor? Por que ser professor? Como é que se dá essa escolha, essa decisão? Como se operacionaliza isso no sujeito? Minha prática tem sido investir na problematização: a professoralidade. Já não tenho mais ponto de partida, mas sigo postulando a idéia de que não é pelo simples fato de passar por um curso de formação (seja uma licenciatura, seja magistério) que alguém vem a ser professor. Não é, igualmente, pelo fato de ser contratado por uma escola ou universidade e, com o aval da instituição, vir a exercer a carreira docente, que alguém se torna professor. Volto a perguntar: como é ser professor? (PEREIRA, 2002, p. 23).



Caros colegas de viagem, nesta parada, já à primeira vista, observamos que nos temas levantados por Pereira, no texto que abre o nosso percurso, aparecem muitas questões que nos vão levar a pensar e refletir, ao longo da nossa carreira: **Por que tornar-se professor? Como é ser professor?** Para responder a essas e a outras questões, é importante pensar, inicialmente, sobre *a origem da profissão docente*.

Neste ponto de nossa viagem, percorrendo as estradas dos "Fundamentos da Educação", chegou a vez de adentrarmos nos caminhos da profissão docente. Lembremos que, nesta viagem teórica, educativa e vital, nosso percurso está orientado por três grandes focos: *Homem, Sociedade e Transformação*. Ao abordarmos a origem da profissão docente, analisamos principalmente o homem que educa, o educador; mas esse educador, necessariamente, age num contexto social; por isso, a sociedade também estará em foco nesse *trajeto*. Aliás, a transformação será focalizada, pois o docente está vinculado a ela, já que ele pode, na sua prática, colaborar nas mudanças intelectuais, afetivas, cidadãs e em todo o espectro vital do discente. É preciso assinalar que essa transformação é um caminho de mão dupla, **já que o próprio docente é transformado pelos discentes, nesse encontro que é a Educação**.

A questão da origem da profissão docente, como já dissemos, tem importantes desdobramentos para nossa caminhada nos trilhos da Educação. Por isso, para estudá-la com maior profundidade, ela será *percorrida* nas Aulas 17 e 18.

Nesta primeira aula, vamos abordar principalmente os seguintes temas:

1. Origem da profissão docente: esclarecimentos terminológicos e conceituais.
2. A profissão docente: seu surgimento histórico.



ORIGEM DA PROFISSÃO DOCENTE: ESCLARECIMENTOS TERMINOLÓGICOS E CONCEITUAIS

Caro companheiro de viagem, logo no início da nossa caminhada, vimos que este capítulo trata da origem da profissão docente. Neste primeiro trajeto, surgem três perguntas básicas:

1. O que significa origem?
2. O que é profissão?
3. O que é docente?

Muitas vezes, sem perceber, em nosso percurso por entre as trilhas do conhecimento, embarcamos em questões das quais não temos uma clara definição. Discutimos sem dominar os termos discutidos. Assim, a primeira questão que aparece, logo no ponto 1, é que a profissão docente teve uma origem. Mas o que é isso? Vagamente, sabemos que origem pode ser “começo”, “princípio”, “início no tempo”. Mas é isso mesmo? Origem tem a ver com princípio, começo? Quer dizer que a profissão docente teve início. Mas poderia não ter começado, poderia ter sido uma atividade humana que acontece desde sempre, não é?

Logo depois, temos de analisar o que é “**profissão**” docente. Vemos que o docente é um “profissional”, mas poderia ser um “amador”, alguém que transmite seus conhecimentos por amor. Depois veremos, por exemplo, que **SÓCRATES** fazia questão de frisar que *não era um profissional da Educação*. Então, temos de entender o que é esse profissional. O que é ser profissional? E isso se liga, diretamente, ao termo “docente”? O que é “ser docente”? Há uma “profissão docente”? Neste ponto da viagem, aparece uma questão fundamental para a Educação, que é refletir sobre o docente como *profissional*, já que, muitas vezes, nosso trabalho foi *desvalorizado*, considerado continuidade das tarefas maternas – especialmente o trabalho daqueles que lidavam com crianças menores –, que não exigiam muito preparo técnico, mas apenas condições “femininas” para cuidar das crianças. Após esclarecer alguns termos, vamos retomar essa questão.



SÓCRATES

Filósofo grego do século V a.C., que morreu em 399 a.C., condenado a beber cicuta por, supostamente, “corromper os jovens”, “negar os deuses da cidade” e “introduzir novos deuses”. Ele ficou célebre por sua atitude inquebrantável: não rejeitou as próprias idéias, mesmo sendo condenado à morte. Foi considerado modelo de ética e sabedoria.

Uma ajuda fundamental a nosso percurso consiste em consultar o dicionário para saber qual a procedência da palavra usada. Imediatamente, nos deparamos com um termo muito usado no nosso dia-a-dia, mas pouco conhecido. Devemos procurar, então, o dicionário. Às vezes, quando tratamos de questões muito técnicas – por exemplo, percebemos que o termo “origem” tem a ver com a Filosofia –, devemos recorrer a um dicionário da área específica: Sociologia, Psicologia, Filosofia etc.



Como em nosso percurso encontraremos algumas questões filosóficas, sugiro consultar, quando aparecerem termos técnicos, o trabalho de Abbagnano, *Dicionário de filosofia*. E para esclarecer termos mais comuns da nossa língua, sugiro o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Afinal, o que é origem?

Como dissemos, no nosso dia-a-dia usamos “origem” significando “princípio”, “nascimento”, “começo” de alguma coisa. Mas, o que queremos dizer com essa palavra?

Para um primeiro esclarecimento, procuremos o dicionário.

ORIGEM

Na linguagem filosófica, este termo é essencial. Inclusive a palavra *fundamento* tem a ver com *origem*. O termo surgiu na Filosofia, no século VI. a.C., com um grupo de pensadores peculiares, que procuravam o *arché* da realidade. Isto é, o *princípio*, entendido como 1) *início no tempo* e 2) *fundamento da realidade*. Aquilo que dá suporte, que está em todas as partes e que é essencial em todo o real.

ORIGEM: 1. Ponto inicial de uma ação ou coisa que tem continuidade no tempo e/ou no espaço, ponto de partida 2. local de nascimento (...) 3. a seqüência das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família; proveniência de um grupo social ou de um povo; ascendência, genealogia, progênie (*os olhos comprovam sua o. oriental*) 4. p. ext. a nascente de um rio, fonte (...) 5. p. ext. qualidade de; procedência; proveniência (...) 6. Fig. Aquilo que provoca, ocasiona ou determina uma atitude, um acontecimento, a existência de algo; causa, razão (...) (HOUAISS, 2001, p. 2.081).

O dicionário nos ajuda a conhecer o sentido do termo usado. “Origem” pode significar ponto inicial de uma ação ou coisa, um ponto de partida, um local de nascimento, a proveniência de um grupo ou de um povo, ascendência, genealogia etc. Veja também a definição do termo **ORIGEM**, ligada, sem dúvida, à acepção corriqueira. Assim, ao perguntar pela origem de uma atividade ou de um grupo – neste momento perguntamos pela origem da *profissão docente* –, estamos tentando detectar seu *ponto inicial*, como *nasceu*, qual foi sua *proveniência*, como *foi gerada* ou o que *causou* a criação dessa profissão, dessa atividade humana.



THALES DE MILETO (VI a.C.), da ilha de Jônia, Grécia, afirmou que o princípio de tudo era a água. Que queria dizer com isso? Que a água está compondo o mundo, desde o início dos tempos, e que tudo está constituído essencialmente por água. A água se transforma em sólido, gás e líquido, conformando todas as coisas do mundo. O homem, por exemplo, é composto fundamentalmente de água, assim como o mundo é formado por dois terços de água. Por isso, a água seria: *princípio, origem, fundamento, essência de tudo o que existe* (cf. CHAUÍ, 2002 e ABBAGNANO, 1999).

Isso nos leva a pensar, a partir de uma análise histórica, que houve causas que levaram o homem a criar uma atividade específica, denominada *profissão docente*. Em certo momento nasceu uma tarefa delimitada no seio da sociedade. Essa tarefa, numa primeira aproximação, consiste em ensinar. Mas aqui nos defrontamos com o segundo termo da nossa questão: **Por que ensinar se torna profissão?** O que é ser um profissional do ensino? Pois a docência pode ser pensada, também, como uma atividade “não-profissional”, realizada, por exemplo, pela mãe, pelos tios, pelos amigos, por toda a família. A questão é esclarecer como a função docente se torna uma tarefa social específica, remunerada, de um grupo determinado. Aqui aparece claramente o problema que levantamos no início. Durante muito tempo, o educar era uma atribuição familiar, peculiarmente realizada pela mãe, pela tia, sobretudo pelas mulheres da família, embora alguns homens participassem da transmissão de conhecimentos, habilidades e aptidões. Por esse motivo, a partir de uma ótica que privilegiava as tarefas de produção fora do lar, denominadas “masculinas”, a docência foi ligada ao feminino, ao doméstico, mas em um sentido pejorativo. Por tratar-se de algo doméstico e familiar, ela não era considerada profissional, surgindo, assim, uma desvalorização da profissão.

É importante que você reflita, caro companheiro de viagem, que a tarefa de ensinar, que você está iniciando ao estudar com carinho, dedicação e esforço, em muitos momentos foi desvalorizada, relegada social e economicamente, **até não ser considerada uma profissão**.

Vamos, então, definir o que é “profissão”, para que você possa tomar uma posição diante desse problema.

PROFISSÃO: 1. ação ou resultado de professar (‘reconhecer publicamente’, ‘jurar’) 2. declaração ou confissão pública de uma crença, uma religião, uma tendência política ou um modo de ser 3. atividade para a qual um indivíduo se preparou e que exerce ou não (...) 4. trabalho que uma pessoa faz para obter os recursos necessários à sua subsistência e à de seus descendentes (...) 5. *LITUR*. Cerimônia da tomada do hábito por um religioso, ao final do noviciado; voto (...) (p. 2.306).

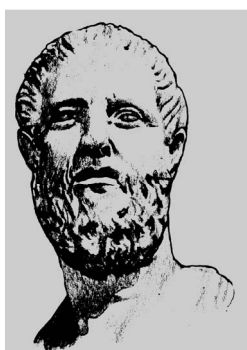
O docente é um **PROFISSIONAL** que realiza uma atividade específica, para a qual está capacitado teórica e praticamente, e da qual obtém a própria subsistência. O docente é um **TRABALHADOR** do ensino; não é um “amador”, que realiza suas tarefas apenas por “vocação” ou “inclinação natural” ou como uma “tendência maternal”, no caso das docentes mulheres. Frisar o aspecto profissional da docência implica questionar as posturas que minimizam o seu valor.

A defini  o da palavra “profissão” nos apresenta diversas acepções; todas elas contribuem para a compreensão da nossa “profissão docente”. No uso mais habitual, o profissional é aquele que se preparou para desempenhar uma **função específica**; geralmente, ele a exerce e **ob  m dela os recursos necessários para sua subsistência**. Quer dizer, profissional é o trabalhador de uma área definida: advogado, porteiro, padeiro, escrivão, engenheiro etc. Pode até haver um profissional que não exerça a função para a qual se preparou, como, por exemplo, um médico que teve de abrir uma loja para sobreviver.

Neste ponto, cabe refletir, colega de viagem, sobre o *status* da nossa profissão, na atualidade. Numa sociedade patriarcal, em que se privilegiavam as tarefas ditas “masculinas”, vemos que a liga  o da docência com o feminino levou à descaracteriza  o profunda dessa atividade profissional. Em primeira instância, o professor    profissional, por seu preparo técnico, e isso exige o reconhecimento social e a valoriza  o da sua atua  o. Ainda mais, a dedica  o a essa tarefa implica obter uma *remunera  o digna*, já que seu desempenho não    *amador*, *ad honorem* ou apenas familiar/doméstico.

Para tomar uma posi  o mais clara sobre este ponto, vamos refletir sobre outros sentidos da palavra “profissão”.

Além dessas acepções, a palavra “profissão” alude a um ato de *professar* ou *jurar* exercer uma função. Por exemplo, ao se diplomar, o médico jura exercer a Medicina visando ao bem-estar de seus pacientes. Nesse caso, há uma alusão ao **juramento hipocrático** de **HIPÓCRATES**.



HIPÓCRATES
(460-377 A.C.)

Natural da ilha de C  s, fundador da Medicina como ciência. O **juramento hipocrático** destaca o compromisso de exercer a Medicina zelando de forma incondicional e atenta pela saúde dos pacientes.



No caso específico do professor, sua profissão, além de exigir um preparo técnico e a obrigação de desempenhar convenientemente a função social esperada, supõe ainda atividades que exigem dele um “modo de ser”, um “compromisso”, tal uma “profissão de fé pública”.

O professor é um *profissional*, porque se preparou tecnicamente para ensinar, porque ganha sua subsistência através dessa atividade, porque declarou publicamente, ao formar-se, que exerceria adequadamente essa atividade.

E ainda, para aprofundar a especificidade da profissão docente, vamos estabelecer o significado dos termos professor e docente:

PROFESSOR: 1. aquele que professa uma crença, uma religião 2. aquele cuja profissão é dar aulas em escola, colégio ou universidade; docente, mestre (...) 2.1 p. ext. aquele que dá aulas sobre algum assunto (...) 2.2 aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa (...) 3. aquele que tem diploma de algum curso que forma professores (...), que exerce a profissão de ensinar ou tem diploma ou título de professor (...) 5. que professa (...) (p. 2.306).

Finalmente, docente aparece como sinônimo de professor. Conforme Houaiss:

DOCÊNCIA: (...) 1. ação de ensinar; exercício do magistério 2. qualidade de docência ETIM rad. do v. lat. *docere* ‘ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender’ (...) (p. 1.068).

Retomemos agora nossos passos para entender o sentido de “profissão docente”. Concordamos que *profissional* é aquele que exerce uma função específica e remunerada. Professor é aquele trabalhador que ensina em escola, colégio ou universidade, que exerce essa função ou tem diploma ou título de professor. Essa atividade profissional se caracteriza por ensinar, instruir, transmitir conhecimentos, atitudes, valores, fomentar capacidades de diversos tipos.

Agora, voltemos às questões levantadas inicialmente. Por que, durante muito tempo, a docência não foi valorizada ou não foi considerada uma profissão?

FEMINILIZAÇÃO

Tendência que considera as atividades docentes do ensino primário essencialmente vinculadas à “natureza feminina”. Assim, as mulheres seriam as professoras dos pequenos, por “natureza”, devido às suas condições *maternais*.

Numa concepção basicamente masculina, com resquícios de uma visão paternalista, a profissão docente foi essencialmente vinculada à mulher, ao feminino. Principalmente o Ensino Fundamental, que anteriormente se denominava ensino primário, era exercido por mulheres. Considerava-se a docência uma tarefa de pouca relevância teórica e técnica; mais do que uma “profissão”, seria uma prolongação do papel materno de *cuidar* das crianças. Assim, surgiu a **FEMINILIZAÇÃO do magistério** (TAMBARA, 1998, p. 49): a docência seria predominantemente feminina, estaria muito próxima das tarefas domésticas de cuidar das crianças: dar banho, dar de comer e, conjuntamente, ensinar as primeiras letras e outras habilidades.

A partir desse enfoque, de claras ressonâncias machistas, a profissão docente, particularmente a dedicada às crianças, foi desvalorizada como tal. A professora prolongava os cuidados da mãe. Para exercer tal “profissão”, não era preciso muito preparo: a mulher teria apenas de seguir a sua “tendência” materna ou doméstica para “tomar conta” das crianças.

De longa data, o magistério, sobretudo o primário, vem fazendo apelo ao contingente feminino. Bastante compatível com a natureza das funções femininas, tais como valorizadas em nossa sociedade ocidental. (...) essa assimilação fácil acarretou graves consequências para o ‘status’ da ocupação (LÜDKE, *apud* CANDAU, 2002, pp. 80-81).



Sugiro, para esclarecer ainda mais essa desvalorização e feminilização da docência, a leitura do livro de Paulo Freire: *Professora sim, tia não*.

Um outro resquício dessa deturpação da docência aparece no apelido, inicialmente carinhoso, outorgado às professoras durante muito tempo: **tia**. Nessa caracterização carinhosa, está embutida a desvalorização da docência, pois a professora ocupa um lugar semelhante ao da mãe; a mãe realiza os cuidados na casa, já a **tia** os realiza na escola. Ambas – caracterizadas por vínculos familiares – não seriam profissionais, mas pessoas que agem essencialmente por afetividade. Assim, essa professora – a tia – é muito querida, porém muito mal paga, já que deve agir “por amor” ou por **vocação**. Não seria uma profissional, mas uma pseudoprofissional. Daí, o baixo *status* da carreira docente; daí, os pagamentos inadequados; daí, as exigências exageradas, sem compensações profissionais nem econômicas.



Como assinalamos antes, a profissão docente surge num contexto social por uma necessidade específica de transmitir conhecimentos e desenvolver outras aptidões. Aparece alguém com uma formação técnica: um trabalhador específico que ensina, que cultua a arte de ensinar. **Frisamos este aspecto de trabalhador** para questionar aqueles que reduzem a nossa profissão a tarefas “domésticas” ou apenas *amadoras*. Concordamos com Lüdke, quando diz: “A visão do educador como trabalhador e de sua inserção no sistema de produção pode ajudá-lo a caminhar no sentido de uma mais clara definição profissional” (LÜDKE, *apud* CANDAU, 2002, pp. 83-84).

RESUMO

Nesta primeira parte da aula, estudamos a origem da profissão docente, recorrendo, inicialmente, ao esclarecimento dessas noções. Frisamos que o docente é um *trabalhador* específico, um *profissional* que cultua o ensino, cujas atividades devem ser remuneradas adequadamente, já que é responsável pela formação das gerações futuras.

ATIVIDADES

1. Explique o significado da palavra origem.
2. O que significa a palavra profissão.
3. Comente o que é ser docente ou professor.
4. Explique o que você entende por “feminilização” da profissão docente.
5. Comente por que foi desvalorizada a profissão docente.

PROFISSÃO DOCENTE: SEU SURGIMENTO HISTÓRICO

Nossos primeiros passos nos levaram à definição dos termos deste ponto da nossa viagem. Agora, é importante analisar como se deu a aparição histórica da profissão docente. Devemos buscar subsídios na História da Educação para esclarecer como nasceu essa profissão. É importante sublinhar esse conhecimento da história e da origem da profissão para a própria prática do docente no seu dia-a-dia, assim como reconhecer o passado dessa atividade para dar conta dos desafios do presente.

- A História da Educação fornece aos educadores conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar sua cultura profissional. Possuir conhecimento histórico não implica ter ação mais eficaz, mas estimula uma atitude mais crítica e reflexiva.

- A História da Educação amplia a memória e a experiência, criando um leque de escolhas e de possibilidades pedagógicas, o que permite um alargamento do repertório dos educadores e lhes fornece uma visão da extrema diversidade das instituições no passado. Para além disso, revela que a educação não é um “destino”, mas uma construção social, o eu renova o sentido da ação quotidiana de cada educador (CAMBI, 1999, p. 13).

O *conhecimento desse passado*, dessas origens da nossa função docente, nos permite uma reflexão radical – que reconhece os aspectos essenciais do seu surgimento – *e nos leva a aperfeiçoar a nossa prática como também a elaborar um conhecimento teórico* que, com certeza, iluminará nossa própria prática, trazendo soluções para os problemas educacionais. Como assinala Gadotti:

Mais do que possibilitar um conhecimento teórico sobre a educação, tal estudo forma em nós, educadores, uma postura que permeia toda a prática pedagógica. E essa postura nos induz a uma atitude de reflexão radical diante dos problemas educacionais, levando-nos a tratá-los de maneira séria e atenta (1998, p. 15).

Essa reflexão sobre o ato educativo, sobre sua origem e seu desenvolvimento, é fundamental para termos noção de como o homem transmite e recria seus conhecimentos, seus valores, suas aptidões.



O homem é o único ser *educado e educável*, pois os animais só transmitem, de geração em geração, um arsenal instintivo e genético, que prescinde do *ensino*; eles se desenvolvem conforme esse padrão de condicionamentos inalteráveis. O homem, ao contrário, é aquele que transmite as suas experiências às novas gerações. Essa transmissão não se limita à reprodução do saber adquirido por cada povo ou grupo, mas está ligada à inovação, à recriação, à *transformação* do saber, dos indivíduos e da própria sociedade.

Lembremos, aqui, caro companheiro de viagem, um dos focos que orientam o nosso percurso: **a transformação**, como um dos objetivos essenciais da Educação; educar para transformar o indivíduo e a sociedade.

A *mudança* apresenta-se como elemento diferencial do ensino humano. Reproduzimos os saberes; **mas recriamos os saberes, e nós mesmos nos recriamos, tanto docentes quanto discentes**. Como aponta o grande helenista e educador **JAEGER**:

Todo povo que atinge um certo grau de desenvolvimento sente-se naturalmente inclinado à prática da educação. Ela é o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual. Com a mudança das coisas, mudam os indivíduos; o tipo permanece o mesmo. Homens e animais, na sua qualidade de seres físicos, consolidam a sua espécie pela procriação natural. Só o Homem, porém, consegue conservar e propagar a sua forma de existência social e espiritual por meio das forças pelas quais a criou, quer dizer, por meio da vontade consciente e da razão. O seu desenvolvimento ganha por elas um certo jogo livre de que carece o resto dos seres vivos (...) Uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior. Mas o espírito humano conduz progressivamente à descoberta de si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores de existência humana (2001, p. 4).



**WERNER WILHELM
JAEGER
(1888-1961)**

Eminente estudioso da cultura grega antiga. Entre seus numerosos trabalhos se destaca *Paidéia*, em que esclarece, com rigor e erudição, a história da Educação na Grécia. O termo grego *paidéia*, essencial na Pedagogia, significa “formação integral do homem grego”.

Jaeger conclui tais considerações sobre o percurso educativo do homem com esta afirmação que queremos frisar, já que é fundamental neste momento da nossa viagem:

A natureza do Homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual, cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais, ao conjunto das quais damos o nome de educação. Na educação, como o Homem a pratica, atua a mesma força vital, criadora e plástica, que espontaneamente impele todas as espécies vivas à conservação e propagação do seu tipo. É nela, porém, que essa força atinge o mais alto grau de intensidade, através do esforço consciente do conhecimento e da vontade, dirigida para a consecução de um fim (2001, pp. 3-4).

O homem, através da Educação, não só mantém e transmite o já vivido, não só recicla o conhecimento, as práticas sociais e os valores, mas também induz a uma renovação permanente. No ato educativo se concretiza uma “força vital, criadora e plástica”, comum a todas as espécies, mas no homem atinge a sua máxima expressão, já que o leva a novas criações, a renovar a sua forma de viver. Assim, educar é, essencialmente, *criar, transformar*.

O Oriente e os primórdios da Educação



Agora, vamos *caminhar* pelas trilhas das primeiras práticas educativas, isto é, pelas origens históricas do ato de educar. No Oriente, a religião teve grande influência na transmissão do conhecimento. O taoísmo, o budismo, o hinduísmo e o judaísmo foram responsáveis pela formação desses povos, em moldes eminentemente práticos, “(...) marcada pelos rituais de iniciação (...)”. Espontânea, natural, não intencional, a educação baseava-se na imitação e na oralidade, limitada ao presente imediato” (GADOTTI, 1998, p. 21).

Essa Educação primitiva dos povos orientais não era sistemática, mas de caráter espontâneo, repetitiva e oral, baseada fundamentalmente na tradição religiosa; era realizada *por toda a comunidade*. Não existia um profissional determinado para exercê-la.



É possível afirmar que, no Oriente antigo, **não havia professores, não havia uma profissão docente específica**. Gadotti assinala: “Na *comunidade primitiva* a educação era confiada a toda a comunidade, em função da vida e para a vida: para aprender a usar o arco, a criança caçava; para aprender a nadar, nadava. A escola era a aldeia” (1998, p. 22).

Se a escola era a aldeia, ligada às vivências comunitárias, não havia especialistas de ensino, não havia escolas como instituições específicas para educar. A vida, em geral, era apreendida nas tradições comunitárias. Porém, aos poucos, surge a divisão social do trabalho, “aparecem as especialidades: funcionários, sacerdotes, médicos, magos etc.; a escola não é mais a aldeia e a vida, funciona num lugar especializado onde uns aprendem e outros ensinam” (p. 23).

Gadotti destaca os fatores de poder que condicionam o ordenamento dessa nova forma de ensinar, de transmitir as experiências comunitárias. Aparecem as diferenças, as hierarquias e as desigualdades, que também influenciam nessa transmissão do conhecimento:

A educação sistemática surgiu no momento em que a educação primitiva foi perdendo pouco a pouco seu caráter unitário e integral entre a formação e a vida, o ensino e a comunidade. O saber da comunidade é expropriado e apresentado novamente aos excluídos do poder, sob a forma de dogmas, interdições e ordens que era preciso decorar. Cada indivíduo deveria seguir à risca os ditames supostamente vindos de um ser superior, extraterreno, imortal, onipresente e onipotente. A educação primitiva, solidária e espontânea, vai sendo substituída pelo temor e o terror (idem).

No Oriente, encontramos os primórdios de uma atividade pedagógica, ora realizada por toda a comunidade, ora imposta por grupos sacerdotais, que tentam transmitir à risca uma concepção religiosa e dogmática que mantém as estruturas sociais em que se diferenciam claramente classes dominantes e dominadas.

Ora, essa forma de Educação, mais especializada, ainda carece da figura específica do professor como profissional. O ensino ainda era realizado religiosamente, transmitido por sacerdotes e familiares, estando essencialmente vinculado aos textos de fé, considerados revelados.

Por esse motivo, assinalamos que **ainda não existia o docente como profissional da Educação**. Podemos perguntar: onde surge essa figura, que está na origem de todas as nossas atividades educativas? Esse profissional do ensino surgirá na Grécia, numa sociedade que “serviu de berço da cultura, da civilização e da educação ocidental” (p. 29).

Nossa próxima parada consistirá em estudar como surgiu essa profissão, na Grécia.

RESUMO

Nesta aula, vimos o surgimento da profissão docente. Inicialmente, esclarecemos alguns termos como “origem”, “profissão”, “docente” e “professor”, para compreendermos melhor como nasce essa profissão de professor. Mostramos que no Oriente não existia a profissão específica do educador; a formação das crianças era realizada por diversos integrantes de cada comunidade. Essa formação estava profundamente ligada ao ensino e às práticas religiosas. Assinalamos, finalmente, que a docência, como atividade estritamente profissional só viria a se desenvolver na Grécia Antiga.

ATIVIDADES

Agora, caro companheiro de viagem, sugerimos exercitar, os seus conhecimentos sobre esta parte do trajeto:

1. Comente a importância da Educação para a teoria e a prática docente.
2. Explique a forma de Educação no antigo Oriente: era individual ou realizada por toda a aldeia?
3. Faça um comentário a respeito da existência no Oriente da profissão docente, como prática especializada.



AUTO-AVALIAÇÃO

Você conseguiu responder sem dificuldades aos três exercícios acima? Se a resposta foi positiva, parabéns! Você pode imediatamente passar para a aula seguinte. Se teve algumas dificuldades, você precisa realizar mais uma leitura atenta antes de prosseguir a viagem para a próxima estação.